

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

23 a 30 de dezembro de 2022 | www.abbc.org.br



Devolução de prêmios

Marcada pela divulgação de poucos indicadores, a última semana de 2022 exibiu alguns sinais para otimismo como o processo de reabertura da economia na China, embora o forte aumento de casos de Covid-19 enseje receios. Contribuiu, também, o impacto dos últimos dados no aumento de pedidos de seguro-desemprego na expectativa de que o ritmo de aperto monetário possa ser mais moderado nos EUA. Localmente, os prêmios implícitos na curva da taxa de juros exibiram uma forte retração, devolvendo parte do aumento dos prêmios, com alguma diminuição dos ruídos de cunho fiscal. Assim, a taxa real de juros ex-ante de 1 ano caiu -0,23 p.p. para 7,73% a.a.. Apesar do movimento, ainda se encontra em patamar contracionista. No que tange à Selic, a pesquisa Focus prevê 3 reduções de -0,50 p.p. a partir de setembro, alcançando 12,25% a.a. no final de 2023, com um aumento de 0,25 p.p. em relação à semana anterior. Ainda com incertezas acerca do peso da tributação dos preços dos combustíveis em 2023, a mediana das projeções de inflação para 2023 subiu de 5,23% para 5,31% e de 3,60% para 3,65% para 2024. Com o aumento real de 1,2% no estoque da Dívida Pública Mobiliária Federal interna em novembro, o custo médio acumulado em 12 meses da DPMFi ficou em 10,73% a.a.. No período, a dívida líquida do setor público manteve-se estável em 57,0% do PIB, enquanto a dívida bruta do governo geral retraiu-se em -0,54 p.p. para 74,5% do PIB. No mesmo mês, houve um déficit primário de R\$ 20,1 bilhões, mas acumulando-se um superávit de R\$ 137,8 bilhões no ano. Contudo, a provável desaceleração da economia impõe um risco para a trajetória favorável das receitas públicas. O arrefecimento da atividade está contemplado nos sentimentos de consumidores e empresários, com os principais índices de confiança empresarial da FGV fechando dezembro abaixo dos 100,0 pts., nível que indica pessimismo. Incertezas quanto à economia global e doméstica, o elevado nível da taxa de juros, a inflação ainda alta e a desaceleração da atividade mantêm o cenário desafiador. Os dados do Caged no mês de novembro, com a criação líquida de 135,5 mil vagas mostrou uma redução pelo 3º mês consecutiva, corroborando a visão mais negativa. Ademais, o salário médio de admissão voltou a recuar na margem, agora em -1,1% para R\$ 1.919,81. Para esta semana, para os EUA tem-se a ata do Fomc e o *payroll* de dezembro, enquanto para o Brasil tem-se os números da balança comercial.

Expectativas

IPCA – Mediana das Projeções

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	30/12/2022	Ult. Semana	Há 4 semanas
dez/22	0,46	0,48	0,64
jan/23	0,53	0,52	0,55
fev/23	0,70	0,69	0,65
2022	5,62	5,64	5,92
2023	5,31	5,23	5,08
2024	3,65	3,60	3,50
2025	3,25	3,20	3,00

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Ainda com incertezas acerca do peso da tributação dos preços dos combustíveis em 2023, as projeções de inflação no Boletim Focus para dez/22 passaram de 0,48% para 0,46%, as para jan/23 de 0,52% para 0,53% e as para fev/23 de 0,69% para 0,70%. Desta forma, a mediana das previsões do IPCA para 2022 recuou -0,02 p.p. para 5,62%. Para 2023, a mediana das expectativas para o IPCA subiu de 5,23% para 5,31%, para 2024 de 3,60% para 3,65% e a para 2025 de 3,20% para 3,25%, com todas as estimativas em patamares superiores às metas. A inflação implícita nas negociações de títulos públicos com prazo de 1 ano registrou alta de 0,27 p.p. para 6,48% na semana e a de 2 anos cedeu -0,04 p.p. para 6,00%. Com este cenário, para 2023 estão previstas 3 reduções de -0,50 p.p. a partir de setembro, com a mediana das expectativas da meta Selic alcançando 12,25% a.a. no final do ano e avançando 0,25 p.p. em relação à semana anterior. O ciclo de flexibilização se estenderia ao longo de 2024, encerrando o ano em 9,00% a.a.. Para o fim de 2025, as previsões fechariam em 8,00%. No que tange à atividade, as perspectivas para o crescimento do PIB em 2022 permaneceram em 3,04%. Com a aceleração de 0,01 p.p., a pesquisa sinalizou que a economia cresceria 0,80% em 2023. Para 2024, as estimativas continuaram em 1,50%, enquanto as para 2025 oscilaram de 1,90% para 1,89%. Sem alterações, a mediana das previsões para a taxa de câmbio manteve-se em R\$ 5,27/US\$ ao final de 2023, em R\$ 5,26/US\$ para o término de 2024 e em R\$/US\$ 5,30 ao final de 2025. Na seara fiscal, a projeção do resultado primário manteve-se em 1,20% do PIB em 2022, variando de -1,17% para -1,20% do PIB para 2023. Para 2024, a estimativa manteve-se em -1,00% do PIB, enquanto para 2025 passou de -0,65% para -0,70% do PIB. Por fim, espera-se que o resultado nominal fique em -5,20% do PIB em 2022, em -8,60% do PIB em 2023, em -6,80% do PIB em 2024 e em -6,10% do PIB em 2025.

Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais Variação na semana

Bolsas	30/12/2022	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	109.735	0,0%	-2,4%	4,7%
Nasdaq	10.466	-0,3%	-8,7%	-33,5%
S&P	3.840	-0,1%	-5,9%	-19,7%
Dow Jones	33.147	-0,2%	-4,2%	-8,9%
Nikkei 225	26.095	-0,5%	-6,7%	-9,4%
Xangai	3.089	1,4%	-2,0%	-14,6%

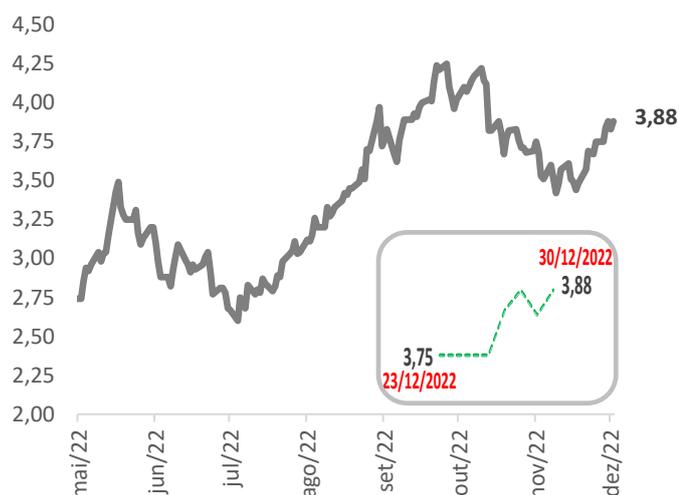
Marcada pela divulgação de poucos indicadores, a última semana de 2022 exibiu alguns sinais para otimismo como o processo de reabertura da economia na China, embora o forte aumento de casos de Covid-19 enseje receios. Contribuiu, também, o aumento de pedidos de seguro-desemprego, acima do esperado (225 mil pedidos contra 220 mil previsto), na semana encerrada em 24/12, na expectativa de que o ritmo de aperto monetário seja mais moderado nos EUA.

A despeito da chance de um aperto monetário menos intenso e da flexibilização das medidas restritivas na China, as principais bolsas internacionais encerraram a semana com queda, exceção ficou com a de Xangai que teve uma alta de 1,4%. Na semana, houve retrações de -0,5% no Nikkei 225, de -0,3% na Nasdaq, de -0,2% no Dow Jones. Com a estabilidade na semana, o Ibovespa encerrou com ganho no ano de 4,7%. Em 2022, houve quedas de -33,5% na Nasdaq, de -19,7% na S&P e de -14,6% no Xangai.

Na semana, o prêmio do risco soberano brasileiro, medido pelo prêmio de CDS de 5 anos, recuou -0,63 bps. na semana para 254,4 bps.. Já o retorno das T-Notes de 10 anos fechou com alta de 0,13 p.p. para 3,88% a.a. e o de 2 anos subiu 0,10 p.p. para 4,41% a.a..

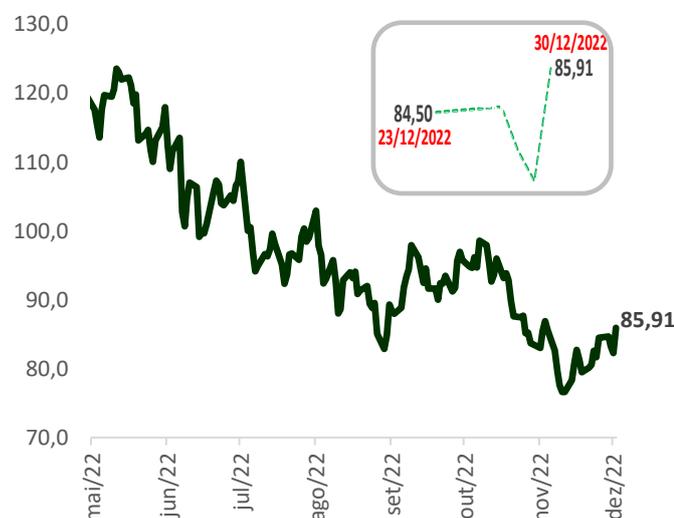
Por fim, o processo de reabertura chinesa também ajudou na recuperação dos preços das *commodities*, especialmente das metálicas e energéticas. A cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou em US\$ 85,91, o que representou elevações de 1,67% na semana e de 10,45% no acumulado do ano.

T-Note 10 anos (% a.a.)



Petróleo

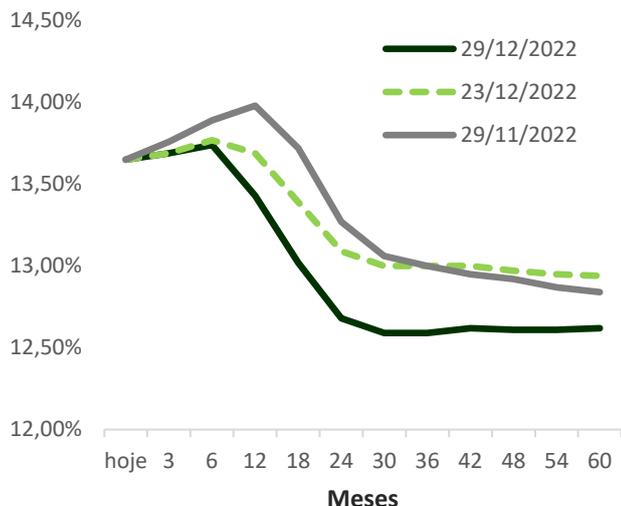
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Os prêmios implícitos na estrutura a termo da taxa de juros exibiram uma forte retração na semana, devolvendo parte do aumento dos prêmios ao risco do período recente, com a diminuição da volatilidade provocada pelos ruídos de cunho fiscal. Assim, foram observadas quedas de -0,26 p.p. no vértice de 1 ano, de -0,41 p.p. no de 2 e de 3 anos, de -0,36 p.p. no de 4 anos e de -0,32 p.p. no de 5 anos. Com a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias de 13,43% a.a. e uma inflação esperada para os próximos 12 meses de 5,30%, a taxa real de juros *ex-ante* caiu -0,23 p.p. para 7,73% a.a.. Apesar do movimento, ainda se encontra em patamar contracionista.

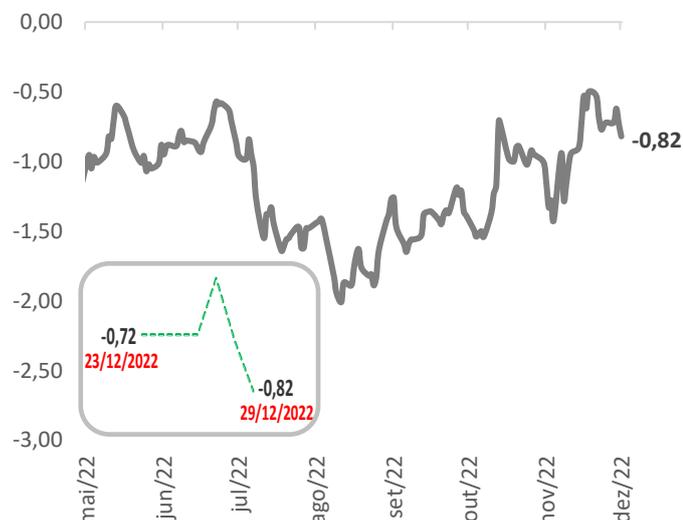
Taxa Real de Juros *ex-ante* (a.a.)



A medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, recuou -0,10 p.p. na semana para -0,82 p.p.. Na mesma base comparativa, o diferencial entre as taxas pré dos títulos públicos divulgados pela Anbima diminuiu -0,15 p.p. para -0,62 p.p..

Spread da Taxa de Juros

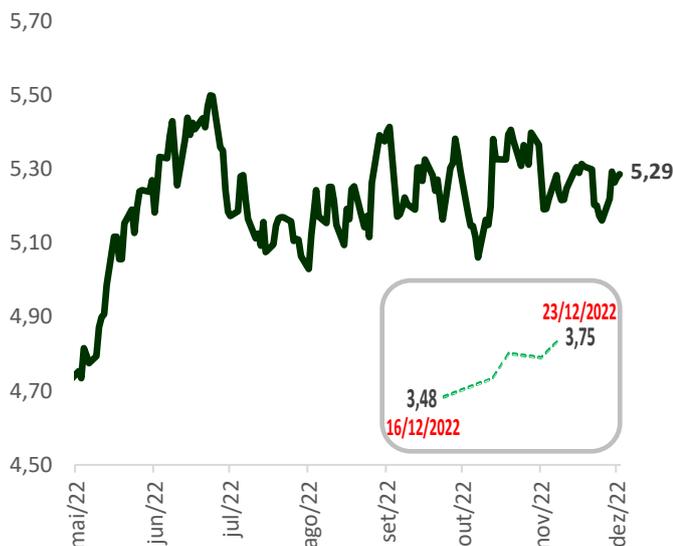
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

Câmbio

Real/US\$



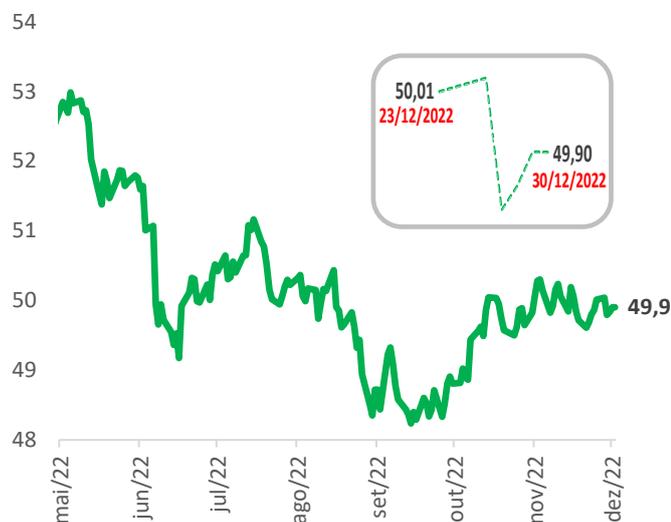
Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	30/12/2022	Semana	Mês	12 meses	
Real	5,29	2,42%	1,84%	-5,10%	
Euro	0,93	-0,82%	-2,79%	5,79%	
Libra esterlina	0,83	-0,25%	-0,21%	11,72%	
Renminbi	6,90	-1,31%	-2,73%	8,25%	
Peso mexicano	19,50	0,65%	1,20%	-4,70%	
Lira turca	18,71	0,27%	0,51%	42,29%	
Peso argentino	177,13	1,33%	5,89%	72,41%	

Na semana, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana em relação às dos países desenvolvidos, apresentou uma queda de -0,76%, impactada pelas apreciações de 0,82% no euro e de 0,25% da libra esterlina. Contudo, essas moedas acumularam depreciações em 2022 de 5,79% e 11,72%, respectivamente. O índice que calcula a variação das moedas dos países emergentes em relação ao dólar encerrou a semana com queda de -0,23%, com destaques para as depreciações de 1,33% no peso argentino, de 0,65% no peso mexicano e de 0,27% na lira turca. No ano, destaques para as depreciações de 72,41% no peso argentino e de 42,29% na lira turca e para a apreciação de 4,70% no peso mexicano.

Ainda na semana, o real fechou com desempenho abaixo dos seus pares emergentes, com depreciação de 2,42% no período, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,29. Apesar do pior desempenho na semana, no acumulado de 2022 o real apresentou melhor desempenho, com apreciação de 5,10%. Pressionado pelo aumento sazonal das saídas de capital com as remessas ao exterior de lucros e dividendos, o Banco Central realizou o leilão de venda conjugado com os leilões de compra de moeda estrangeira no mercado interbancário de câmbio, na modalidade pós-fixado Selic no total de US\$ 2,0 bilhões, além da rolagem dos swaps cambiais com vencimento em 01/02/2023.

Índice de Emergentes*



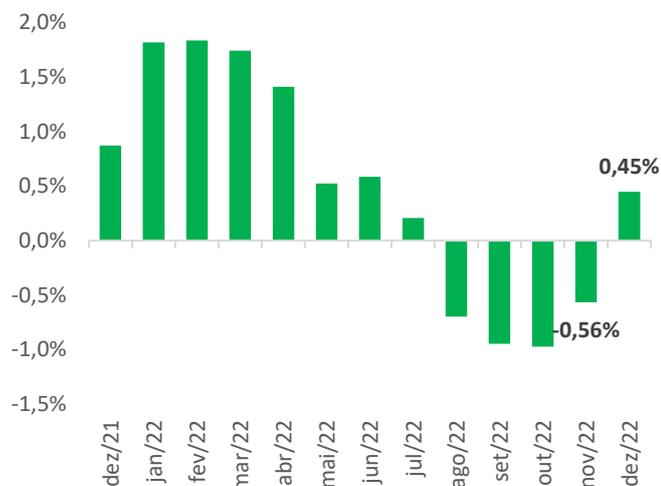
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

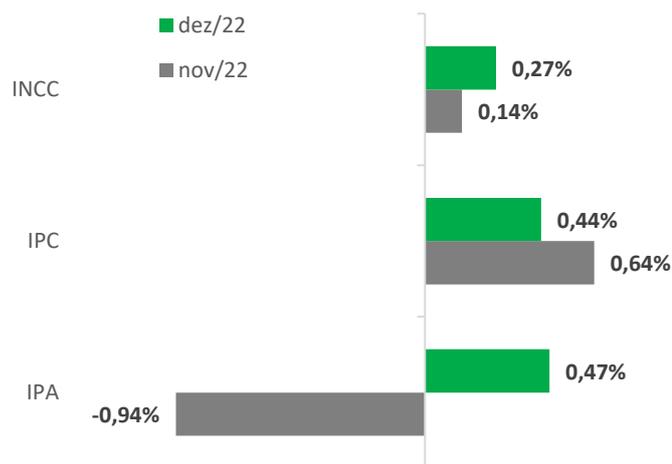
Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

IGP-M - Dez/22

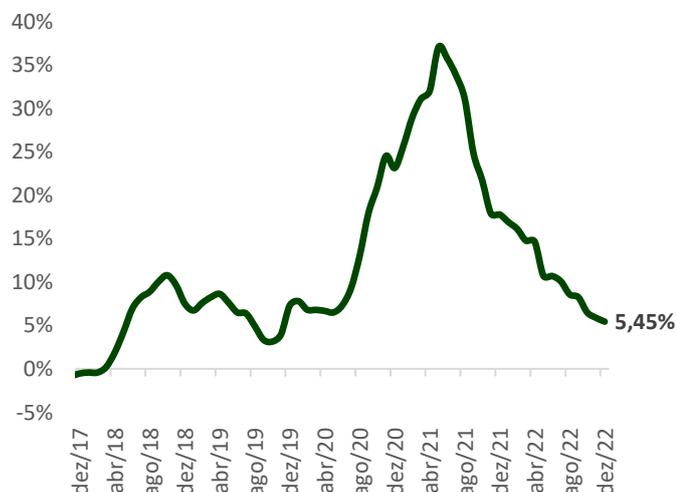
Varição Mensal



Varição Mensal Por grupo



Evolução Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Com o aumento da inflação ao produtor e ao consumidor em função do comportamento dos preços dos alimentos, o IGP-M elevou-se em 0,45% em dezembro (-0,56% em nov/22). Assim, o indicador encerrou 2022 com uma inflação de 5,45% a.a. (17,78% a.a. em 2021).

A variação mensal se deu essencialmente pela elevação do IPA, componente de maior peso do IGP-M, cuja taxa aumentou em 0,47%, após a queda de -0,94% em novembro. Na abertura por estágios de processamento, os bens finais recuaram em -0,29% (0,13% em nov/22) em função da retração de -0,47% dos alimentos processados. Os bens intermediários intensificaram a sua queda de -0,11% em nov/22 para -0,30%, beneficiados pelo grupo de combustíveis e lubrificantes para a produção, que variaram de 0,83% para -2,26%. O estágio de matérias-primas brutas foi o único a apresentar elevação, passando de uma queda de -2,86% para uma alta de 2,09%, impulsionado pelos preços de minério de ferro (de -8,01% para 16,32%), café em grão (de -20,97% para 0,40%) e bovinos (de -2,20% para 1,55%). Dessa forma, o IPA acumulou alta de 5,27% a.a. ante 5,76% a.a. em nov/22 (20,57% a.a. em dez/21).

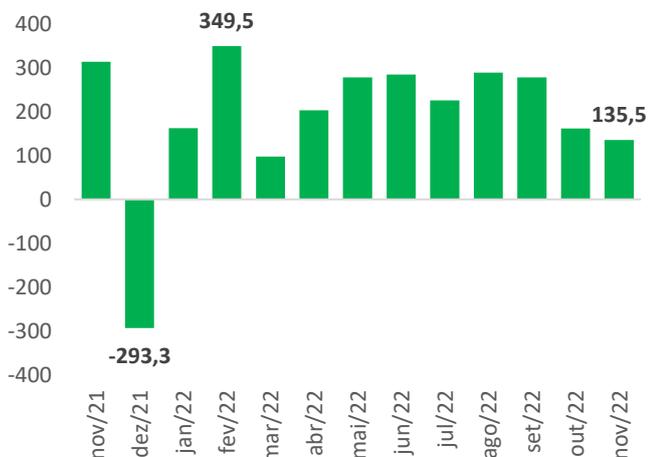
O IPC variou de 0,64% para 0,44% devido à desaceleração em 5 dos 8 componentes, com destaque para o grupo de Saúde e cuidados pessoais (de 1,00% para 0,37%) beneficiado pelos itens de artigos de higiene e cuidado pessoal (de 2,03% para -0,25%). O grupo Educação, leitura e recreação saiu de 0,60% para -0,26%, em decorrência da queda das passagens aéreas de 2,07% em nov/22 para -1,71%.

As principais altas concentraram-se nos itens de Alimentação (de 0,83% para 0,99%) com o aumento nos preços de arroz e feijão (de -0,82% para 3,74%), e de Comunicação (de -0,32% para 0,48%), levado pelo combo de telefonia, internet e tv por assinatura (de -0,32% para 0,69%). Assim, o IPC encerrou o ano com alta de 4,30% a.a. ante 4,71% a.a. em nov/22 (9,32% a.a. em dez/21).

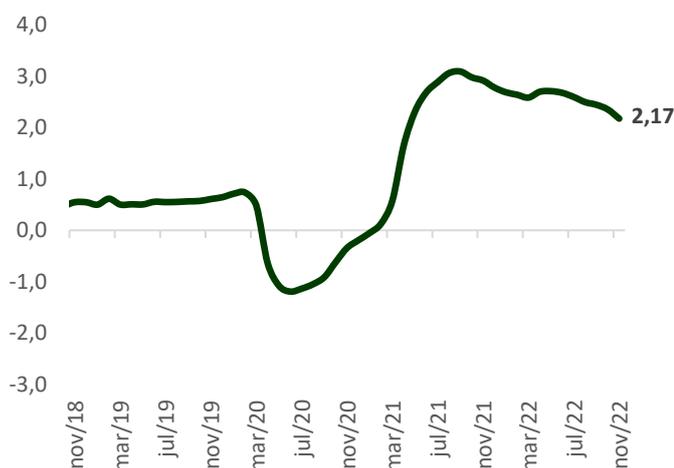
Por fim, o INCC, único indicador a não registrar deflações na margem durante 2022, acelerou de 0,14% para 0,27% na passagem do mês devido aos avanços dos grupos de materiais e equipamentos (de -0,35% para 0,37%) e serviços (de 0,35% para 0,43%), enquanto a queda da mão de obra (de 0,53% para 0,16%) não foi suficiente para recuar o indicador. Assim, o INCC acumulou uma inflação de 9,40% em 12 meses contra 9,44% a.a. em nov/22 (14,03% a.a. em dez/21).

Caged – Nov/22

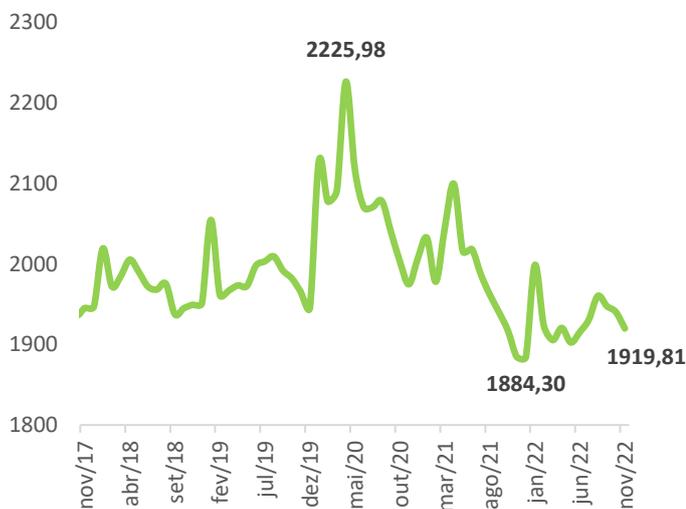
Evolução do Emprego Em milhares



Geração de Empregos (Acumulada em 12 meses) Ajustada com declarações fora do prazo – em milhões



Salário Médio Real de Admissão Em R\$



Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), apurado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, houve a geração líquida de 135,5 mil empregos com carteira assinada em novembro, provenientes de 1.747,9 mil contratações e 1.612,4 mil demissões.

Ainda que com o saldo positivo, a geração de novos postos de trabalho perdeu intensidade pelo 3º mês consecutivo, com o recuo de -16,4% em relação a out/22. Ante nov/21, houve queda de -56,8% devido à base forte de comparação quando o mercado de trabalho se recuperava das demissões no período de pandemia.

O resultado positivo do mês se deveu aos setores de comércio e serviços com as gerações de 106,0 mil e 92,2 mil empregos, respectivamente. Em contrapartida, o setor da indústria sofreu o maior impacto negativo no período com a redução de -25,7 mil trabalhadores, seguido por construção civil (-18,8 mil) e agropecuária (-18,2 mil).

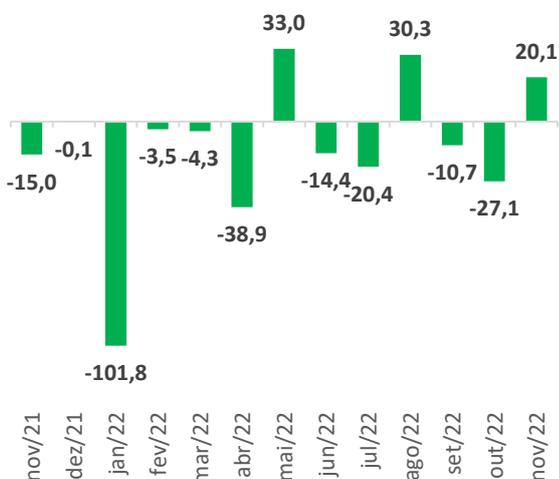
Assim, foram gerados no ano 2.466,4 mil novos postos de trabalho contra 3.070,3 mil em nov/21, queda de -19,7% a.a.. O principal impulsionador em 2022 foi o setor de serviços, com saldo de 1.362,8 mil empregos, representando 55,3% do todas das vagas criadas, seguido pela indústria, com a criação de 366,7 mil postos (14,9%). No acumulado em 12 meses, a geração de empregos chegou a 2.173,1 mil, uma redução de -25,4% a.a..

No que tange ao rendimento, o salário real de admissão, deflacionado pelo INPC, recuou -1,1% em novembro para R\$ 1.919,81. Apesar da queda na margem, o indicador apresentou a 3ª alta em sequência na variação interanual, acelerando sua taxa de crescimento de 1,2% a.a. em out/22 para 1,9% a.a. em nov/22.

Fonte: MTE. Elaboração ABBC

Fiscal - Nov/22

Resultado Primário Mensal – R\$ bilhões



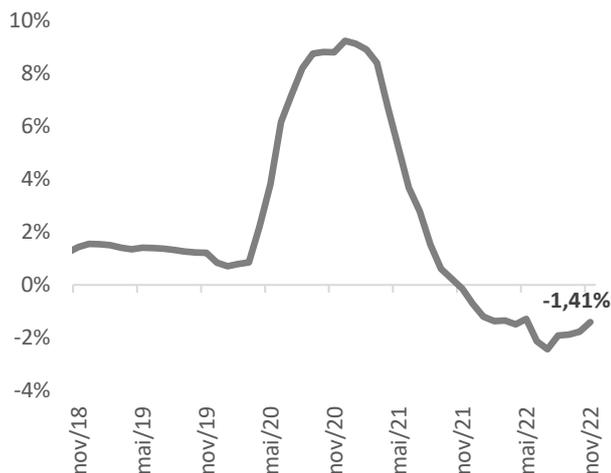
Após os superávits de R\$ 10,7 bilhões em set/22 e de R\$ 27,1 bilhões em out/22, o setor público consolidado apresentou um déficit de R\$ -20,1 bilhões em novembro (superávit de R\$ 15,0 bilhões em nov/21). O resultado mensal adveio do resultado negativo de R\$ -16,5 bilhões do governo federal e de R\$ -3,7 bilhões dos estados e municípios, além do superávit de R\$ 145 milhões das empresas estatais.

Ainda no mês, os gastos com juros nominais apropriados por competência aumentaram de R\$ 41,6 bilhões em out/22 para R\$ 50,3 bilhões em novembro (R\$ 41,6 bilhões em nov/21). Assim, o resultado nominal do setor público passou de um déficit de R\$ 14,5 bilhões em out/22 para R\$ 70,4 bilhões (R\$ 26,6 bilhões em nov/21). Devido às políticas monetárias mais restritivas, deverá ocorrer nos próximos meses uma desaceleração da economia internacional e doméstica que constitui um risco para a trajetória das receitas públicas.

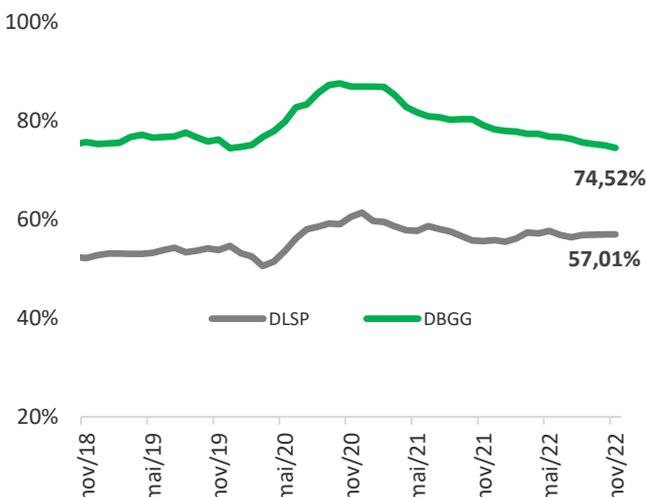
No ano até novembro, o setor público consolidado acumulou um superávit de R\$ 137,8 bilhões, bem inferior ao superávit de R\$ 64,6 bilhões acumulado em igual período de 2021. Considerando-se os 12 meses acumulados até novembro, o superávit primário era de R\$ 137,9 bilhões, o equivalente a 1,41% do PIB (1,78% em out/22 e 0,14% em nov/21). Ainda em termos do acumulado em 12 meses, o déficit na conta de juros aumentou em 0,1 p.p. no mês, para 5,95% do PIB, acompanhando o aumento do custo nominal da dívida no período. Assim, o resultado nominal cresceu 0,4 p.p. na margem, para 4,54% do PIB.

Por fim, a Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) manteve-se estável em novembro em 57,0% do PIB (R\$ 5,36 trilhões) comparativamente ao mês anterior, mas com avanço de 1,38 p.p. em 12 meses. Enquanto a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) se retraiu em -0,54 p.p. no mês e em -4,63 p.p. em 12 meses para 74,5% do PIB, favorecida pelo resgate líquido de títulos e pelo crescimento nominal da atividade. Este é o menor patamar desde dez/19 (74,4%), antes de a pandemia atingir o país e o governo iniciar uma série de despesas para combate à crise sanitária.

Resultado Primário Acumulado em 12 meses – em % do PIB



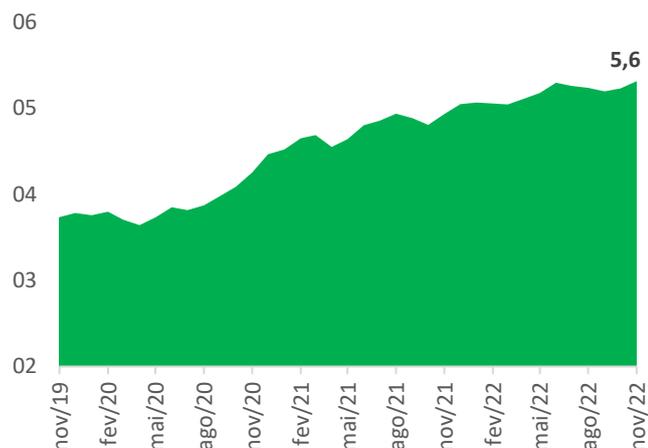
Evolução da Dívida Acumulada em 12 meses – em % do PIB



Fonte: BCB Elaboração ABBC

Títulos Públicos - Nov/22

Dívida Mobiliária Federal Interna Fora do Banco Central – R\$ trilhões



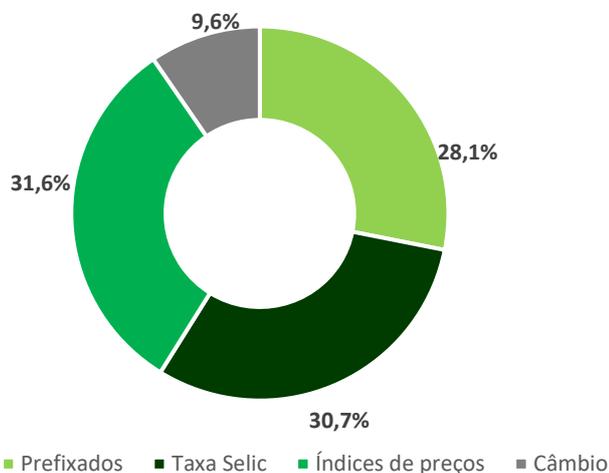
Em novembro, o estoque da Dívida Pública Mobiliária Federal interna (DPMFi), fora do Banco Central, ampliou-se em 1,2% no mês e de 1,4% a.a., em termos reais, totalizando R\$ 5.616,1 bilhões em novembro. O resultado mensal deveu-se, principalmente, a emissão líquida no valor de R\$ 39,81 bilhões e à apropriação positiva de juros no valor de R\$ 48,02 bilhões. O custo médio acumulado em 12 meses da DPMFi ampliou-se de 10,69% a.a. em out/22 para 10,73% a.a.. Cabe destacar que as taxas de emissão da DPMFi apresentaram viés de alta no mês devido à elevação nos prêmios de risco. O prazo médio da DPMFi diminuiu de 3,88 anos em out/22 para 3,84 anos.

Evolução Real em 12 meses DPMFi fora do Banco Central



No que se refere à composição do estoque da DPMFi, a participação dos títulos indexados à Preços sai de 31,8% em out/22 para 31,6%, perdendo espaço no comparativo mensal para a maior participação dos títulos referenciados à Selic, que variaram de 30,5% para 30,7% em novembro. Já os títulos prefixados reduziram em -0,03 p.p. para 28,1%. Os títulos cambiais fecharam com 9,6% de participação (9,5% em out/22).

Composição do estoque DPMFi – por tipo de rentabilidade

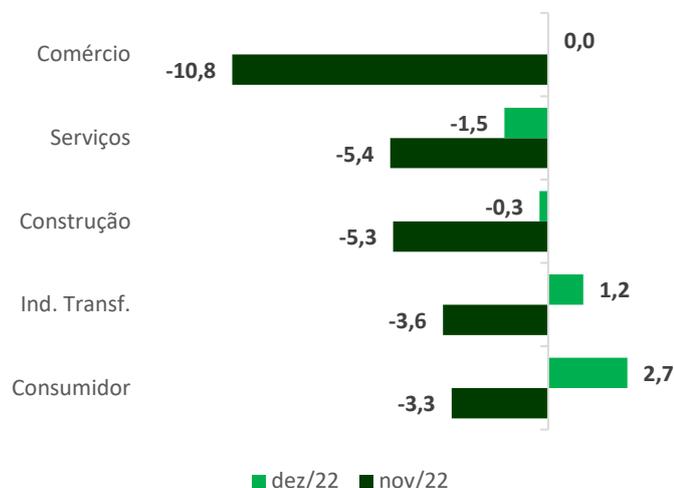


Analisando-se por detentores, as instituições financeiras mantiveram a maior participação relativa dos títulos, com 28,7% do estoque (mesmo percentual em out/22), a seguir vieram os fundos de investimentos com 24,8% (24,6% em out/22) e os de previdência com 22,5% (22,9% em out/22). O estoque dos não-residentes aumentou a sua participação relativa, de 9,3% em out/22 para 9,4%.

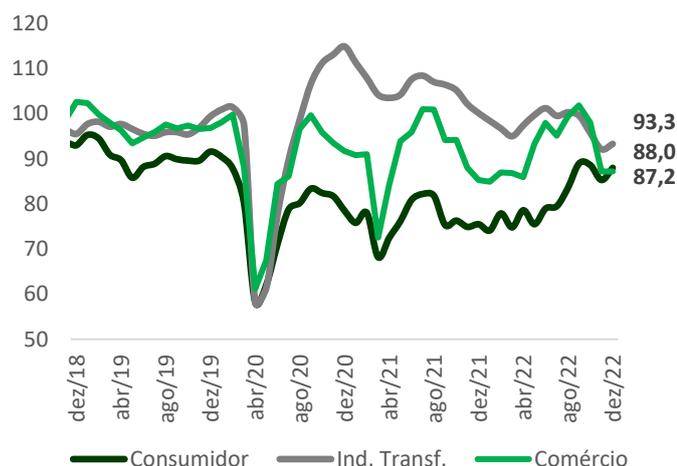
Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Sondagens FGV - Dez/22

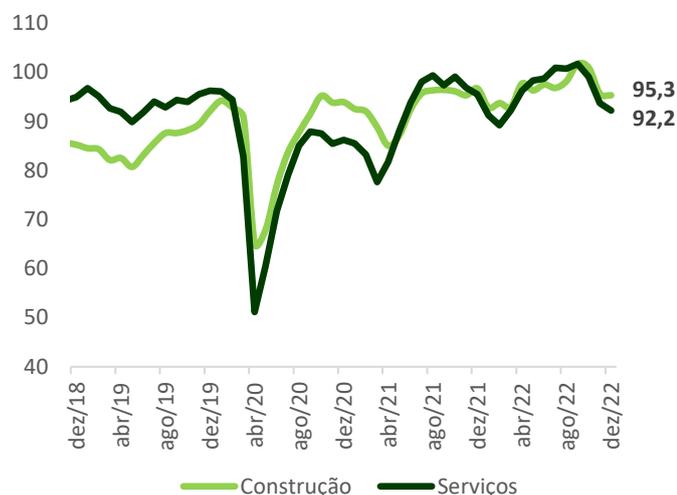
Variação Mensal Em p.p.



Índices de Confiança Com ajuste sazonal



Índices de Confiança Com ajuste sazonal



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Após 2 meses com queda, os principais índices de confiança empresarial da FGV apresentaram em dezembro quedas menos intensas nos indicadores. Como todos se mantêm abaixo dos 100,0 pts., o sentimento de pessimismo perpassa por todos os setores. Incertezas quanto à economia global e doméstica, o elevado nível da taxa de juros, a inflação ainda alta e a desaceleração da atividade mantêm o cenário desafiador.

A confiança do comércio se manteve estável em dezembro em 87,2 pts., reflexo da piora no índice de situação atual (-1,0 pt. para 88,7 pts.) com a queda no volume de demanda e na percepção da situação dos negócios. Já o índice de expectativas avançou 0,9 pt. para 86,1 pts. com a melhora no sentimento para os negócios para os próximos 6 meses.

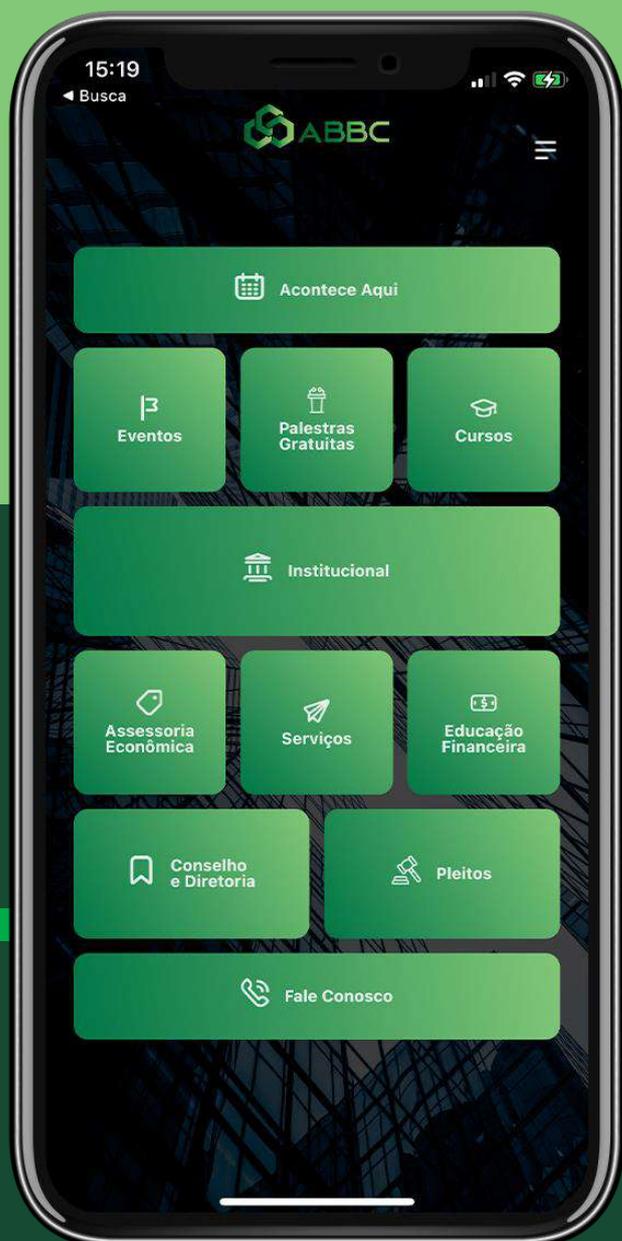
Com alta de 1,2 pt. na margem a confiança da indústria atingiu 93,3 pts.. O ano foi marcado pela queda na demanda e problemas com insumos, gerando aumento de estoque, além das incertezas quanto ao cenário econômico como um todo. No mês, houve um ligeiro aumento da demanda, o que impulsionou o índice de situação atual em 2,0 pts. para 93,8 pts., enquanto o índice de expectativas subiu apenas 0,2 pt. para 92,8 pts..

Em contrapartida, a confiança de serviços recuou -1,5 pt. para 92,2 pts., com piora tanto na percepção com a situação atual (-2,7 pts. para 94,2 pts.), quanto no índice de expectativas (-0,6 pt. para 90,1 pts.), refletindo a queda em relação ao volume de demanda e dos negócios atuais e previstos. Em linha, porém com menor força, a confiança da construção recuou -0,3 pt. para 95,3 pts.. Embora o indicador tenha apresentado uma boa evolução no ano, os 2 últimos meses foram de queda em função do menor volume de contratos e da situação dos negócios, levando o índice de situação atual a recuar 0,4 pt. para 96,6 pts.. Em relação às expectativas, houve melhora na percepção sobre a tendência dos negócios nos próximos meses, e piora na demanda prevista nos próximos três meses, fazendo com que o índice de expectativas caísse em -0,1 pt. para 94,3 pts..

Por fim, a confiança do consumidor apresentou alta de 2,7 pts. para 88,0 pts., com o otimismo sendo puxado pelo índice de expectativas (+4,3 pts. para 100,3 pts.), com um aumento na percepção sobre a situação financeira das famílias para os próximos 6 meses, e o grau de otimismo com a situação econômica geral. Com menor força, o índice de situação atual cresceu 0,1 pt. para 70,9 pts., apresentando melhora nas avaliações sobre as finanças pessoais.

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	3,0	0,8
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	15,1	8,4
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,3	9,1
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,8	5,1
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	5,45	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	55,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-50,0	-46,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	80,0	75,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,25	5,25
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	1,2	-1,2
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,2	-8,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	58,0	62,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	74,5	77,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688